

PAULO RÓNAI

ESCOLA
DE
TRADUTORES

200.802
R. 768 e
ex. 2



OS CADERNOS DE CULTURA

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO

A Carlos Drummond de Andrade

GOBIERNO DE JUBA DEPARTAMENTO DE SUBI	REPTORIOS NACIONAL
NUMERO	TA
566	30-10-54

IMPRESA NACIONAL
COPIA DE
N. 99
Data 5 / 5 / 52

TRADUZIR O INTRADUZÍVEL

NUM comentário inteligente, que tem o mérito de focalizar a importância do assunto no Brasil, o crítico paulista Luís Washington resume uma curiosa página de Ortega y Gasset sobre os problemas da tradução.¹ O pensador espanhol chega a negar a possibilidade, em princípio, da tradução. Salvo as obras científicas, escritas numa espécie de gíria artificial, nenhum livro poderia ser transportado para outro idioma.

Não quer com isso dizer Ortega y Gasset que não se deve traduzir, nem o seu comentador brasileiro tira conclusão semelhante de suas explanações; pelo contrário, põe em destaque o papel importante das boas traduções na cultura nacional.

Parece-me que Ortega y Gasset, ao demonstrar a impossibilidade teórica da tradução literária, afirma implicitamente que a tradução é arte. O objetivo de toda arte não é algo impossível?² O poeta exprime (ou quer exprimir) o inexprimível, o pintor reproduz o

1) Luís Washington, *O problema da tradução*, no *Boletim Bibliográfico da Biblioteca Municipal de São Paulo*, n.º 10.

2) Tempos depois de publicado este estudo em jornal, encontrei o aludido ensaio de Ortega y Gasset sobre *Miséria y esplendor de la traducción* no volume *El Libro de las Misiones*, 4.ª ed., Espassa-Calpe Argentina S. A., Buenos Aires, 1945 e verifico que a conclusão do ensaísta não é esta; ela fica, pois,

irreproduzível, o estatuário fixa o infixável. Não é surpreendente, pois, que o tradutor se empenhe em traduzir o intraduzível.

A idéia da impossibilidade da tradução não é nova. Herder — que era, êle mesmo, um grande tradutor — assinala que “ninguém pensa além do idioma”³, isto é, que o próprio pensamento é condicionado pelo idioma em que é concebido. Em outras palavras: há certas idéias que só podem nascer na consciência de pessoas que falam determinada língua, ou mesmo que nascem unicamente por certa pessoa falar determinada língua.

Assim, por exemplo, a própria opinião de que o tradutor trai necessariamente a idéia do autor talvez seja devida, antes de tudo, à possibilidade, no italiano, do trocadilho *traduttori traditori*; em qualquer outra língua, em que as duas palavras não têm forma semelhante, a idéia nasceria mais dificilmente e não teria a mesma oportunidade de generalização.

A simples existência da palavra *Weltanschauung*, de tão difícil tradução nos idiomas românicos, impõe muitas vezes um rumo ao pensamento alemão. Dificilmente um crítico alemão, ao consagrar uma monografia a um escritor, deixará de incluir um capítulo sobre

por minha conta. Ortega y Gasset, no estudo em apêço, preocupa-se principalmente com as dificuldades da tradução não de uma língua para outra, mas do pensamento para a expressão em geral.

3) HERDER, *Spiegel der Humanität*, ed. Benno Schwabe & C.º, Klosterberg, Basel 1943, pág. 54.

“A *Weltanschauung* de Fulano”. Os alemães, sugestionados pela palavra, admitem que qualquer um possui uma *Weltanschauung*, ao passo que um latino só reconhecerá uma “maneira especial de encarar o mundo” a um pensador original.

Outro exemplo típico de intraduzibilidade, escolhido entre centenas: o título de um livro de versos de René Laporte, *L'An Quarante*, publicado durante a guerra. Êle não alude apenas à data da *débâcle* francesa, mas também a um modismo popular: *je m'en moque comme de l'an quarante*. Sem a existência dessa locução, ao autor provavelmente nunca teria ocorrido o título, cujo sentido, admiravelmente complexo, é restrito ao idioma em que foi pensado.

A inseparabilidade entre pensamento e expressão, embora nem sempre tão clara como nesses casos extremos, verifica-se a cada passo. O tradutor, ao procurar separá-los, atenta constantemente contra essa lei psicológica da linguagem.

Em teoria, os maiores obstáculos da tradução seriam formados por conceitos que só têm designação dentro de um único idioma. “Saudade”, por exemplo, é privilégio do português; o francês *toilette* não tem equivalente perfeito em nenhuma língua, como o alemão *Hinterland*, como o inglês *smoking*, como o italiano *commedia dell'arte*, e assim por diante.

Na realidade, o tradutor aí nem tenta a tradução; sabendo de antemão que não existe equivalente perfeito, resigna-se a manter o termo primitivo, valendo-se das muletas do grifo, das aspas ou das notas de pé de

página. Quer dizer que (pelo menos na tradução em prosa, e é desta que falamos, pois a outra constitui arte totalmente diversa, ainda menos codificável) não são as palavras “intraduzíveis” que atrapalham mais o tradutor. Para êle as dificuldades começam com as palavras “traduzíveis”, pois as mais simples entre elas escondem armadilhas.

Assim, como todos sabem, *monsieur* é equivalente, em português, de “senhor”. Se, porém, o tradutor francês de um romance brasileiro traduzisse a pergunta “Como vai o senhor?” por *Comment va Monsieur?*, falsearia o tom da conversa, pois em português essa interrogação se usa entre pessoas socialmente iguais, ao passo que em francês se faz de criado para amo. Por outro lado, falando ao telefone, uma personagem francesa se anunciaria assim com a maior naturalidade: *C'est Monsieur Un Tel qui parle*; mas a tradução brasileira “E’ o Sr. Fulano que fala” transformá-lo-ia num indivíduo pretensioso ou cômico.

Para casos assim o dicionário nunca fornece solução. Os dicionários bilíngües, inclusive os melhores, ajudam a compreensão, mas são bem pobres em sugestões para o tradutor.

Êles contêm, pelo menos, os modismos e seus correspondentes. Essa equivalência, porém, é condicional e deve ser aproveitada sempre com desconfiança. Numa obra preciosa, que todos os tradutores deveriam ler, J. G. Weightman⁴ dá provas bem claras dessa

4) J. G. Weightman, *On Language and Writing*. Sylvan Press, London, 1947, p. 10.

afirmação. Assim as expressões *filer à l'anglaise* e *to take French leave* indicam exatamente a mesma ação e constituem, dentro das respectivas línguas, “fragmentos cristalizados de preconceito” semelhantes. E’ evidente, no entanto, que, encontrando num romance francês com personagens francesas o modismo *filer à l'anglaise*, um bom tradutor britânico não poderá traduzi-lo pelo equivalente inglês, por mais perfeito que êste seja. Essa observação concerne equivalentes de todos os modismos: êles só equivalem em determinadas circunstâncias. O meu dicionário francês-português traduz *Ce n'est pas la mer à boire* por “Não é nenhum bicho de sete cabeças”. Pode ser uma tradução boa, engenhosa até; mas posso imaginar uma porção de contextos em que seria desaconselhável utilizá-la; p. ex. se fôr dito por um marinheiro, a quem a imagem caracteriza, ou usado numa ocasião onde se trata realmente de beber, etc. Da mesma forma *Qui se fait brebis le loup le mange* pode bem significar “Quem se faz de mel as môscas o comem”, mas nem sempre admitirá essa tradução.

Noutra advertência importante Weightman põe o tradutor de sobreaviso contra a possível confusão entre modismo e imagem individual.⁵ Com efeito, quando se trata de imagem inventada pelo autor, o intérprete terá de conservá-la; quando, pelo contrário, a imagem é cristalizada e já pertence ao patrimônio da língua, êle terá de substituí-la por outro modismo do idioma para o qual traduz ou expressar-lhe o sentido sem recorrer a imagens.

5) *Ibidem*, p. 47.

Procurarei ilustrar êsse conselho com dois exemplos escolhidos por mim. Um conto de Alphonse Daudet, *Le Curé de Cucuñan*, começa por esta frase: "Tous les ans, à la Chandeleur, les poètes provençaux publient en Avignon un joyeux petit livre rempli jusqu'aux bords de beaux vers et jolis contes". E' evidente que a expressão *rempli jusqu'aux bords* é uma imagem ocorrida ao autor, porque o alegre livrinho dos poetas da Provença se assemelha a uma cesta ou uma tina transbordante de uvas ou azeitonas depois da colheita. Sob pena de flagrante infidelidade, o tradutor terá de conservar a comparação, tão característica do estilo de Daudet e tão sugestiva.

Já uma expressão como *marchande des quatre saisons*, apesar de seu ar espontâneo e poético, faz parte dos *stock phrases* da língua francesa, e o tradutor brasileiro há de vertê-la por "verdureira". "Vendedora das quatro estações" seria mais bonito, mas totalmente injustificável e descabido.

Tudo isso mostra, apenas, que as dificuldades do tradutor não podem ser circunscritas e também que não há problema de tradução definitivamente resolvido. Cada palavra se apresenta, cada vez, num contexto diferente, que a embebe de sua atmosfera e lhe altera o conteúdo, às vêzes quase impercebivelmente.

"Assim, nosso ofício de tradutores é um comércio íntimo e constante com a vida", como diz Valery Larbaud; ⁶ não é de forma alguma, um jôgo de paciência com palavras mortas e fichadas para sempre.

6) Valery Larbaud, *Sous l'Invocation de Saint Jérôme*. Gallimard, Paris, 1946, p. 85.

TRADUÇÃO LITERAL E EFEITOS DE ESTILO

Pensa-se geralmente que a tradução fiel é a tradução literal, e que, portanto, qualquer tradução que não seja literal é livre. A maioria dos candidatos a tradutor, ao serem convidados por uma editôra, perguntam invariavelmente se a casa deseja traduções fiéis ou livres, literais ou literárias.

Essa pergunta é feita na tácita suposição de que o requisito de fidelidade concerne apenas a um dos dois idiomas, aquê do qual se traduz. O tradutor, no entanto, é obrigado a fidelidade igual, senão maior, para com o outro idioma, para o qual traduz. Uma versão literal, isto é, fiel a apenas uma das duas línguas, é impossível.

Tome-se o caso de um romance de amor inglês e americano, de assunto parecido com o de todos os romances de amor: Êle aparece, apaixona-se por Ela; Ela a princípio resiste, mas acaba por se entregar a Êle. No texto original, a heroína forçosamente trata o herói, do começo ao fim, por *you*. Querendo traduzir fielmente, verteremos o tratamento em todo o romance por "você"? Ou preferiremos ora "o senhor" (no começo, quando os protagonistas mal se conhecem), ora "você", ou "tu", (quando o seu conhecimento se trans-

forma em amizade, e em amor)? Parece-me que a segunda solução, embora menos “fiel”, é bem mais natural.

Só se poderia falar em tradução literal se houvesse línguas bastante semelhantes para permitirem ao tradutor que se limitasse a uma simples transposição de palavras ou expressões de uma para outra. Mas línguas assim não há, nem mesmo entre os idiomas cognatos. As inúmeras divergências estruturais, existentes entre a língua do original e a tradução, obrigam o tradutor a escolher, cada vez, entre duas ou mais soluções, e em sua escolha êle é inspirado constantemente pelo espírito da língua para a qual traduz. Quando, por exemplo, o original é escrito numa língua desprovida de artigo — como o latim —, o tradutor brasileiro, ao verter cada substantivo, opta, consciente ou inconscientemente, por uma das três soluções seguintes: colocar o artigo definido; colocar o artigo indefinido; não usar artigo nenhum. Cada um desses casos (e são milhares num só livro) é resolvido segundo as leis orgânicas do português; o original não fornece indicação alguma. Se existisse tradução literal, isto é, fidelidade unilateral, o problema nem se levantaria e deixaríamos de pôr o artigo ao longo de toda a obra. ⁷

7) Eis outro exemplo: em sua obra clássica sobre tradução, *On the Principles of Translation* (Everyman's Library n.º 168, London, Dent, s. d.), Fraser Tytler assinala um erro freqüente dos tradutores ingleses que, vertendo do grego ou do francês, mantém o presente lá onde êsse tempo se refere a uma ação passada e vem intercalar-se entre uma série de pretéritos, recurso comum àqueles dois idiomas para avivar a narração, mas oposto à tradição da prosa inglesa.

Nem sequer os sinais de pontuação podem ser traduzidos “literalmente”. Ninguém, por exemplo, manteria, numa tradução do inglês, a não ser por ignorância, o travessão que nessa língua comumente se emprega em lugar das reticências; nem, por outro lado, deverá conservar, nos diálogos, as aspas que os autores ingleses usam em vez do nosso travessão. Em russo, o travessão desempenha papéis desconhecidos em outras línguas; substitui, por exemplo, o verbo de ligação (o verbo “ser”) entre o sujeito e o predicativo. E' claro que nenhum ideal de “literalidade” poderia levar o tradutor brasileiro de um livro russo a escrever: “Nós — mujiques” em vez de “Somos mujiques”. ⁸

A tradução do português para outras línguas confirma a tese. Sabemos que os escritores brasileiros e portugueses tiram variados efeitos da colocação do adjetivo qualificativo. Antes do substantivo, êle assume muitas vezes sentido figurado, exprime qualidade casual ou confere um matiz poético (assim em *um grande romance, verdes anos*, etc.); depois do substantivo, geralmente guarda o sentido próprio exprimindo qualidade permanente e que muitas vezes entra a fazer parte da idéia do mesmo (*casa grande, vinho verde*, etc.). Outras línguas neolatinas se prestam aos mesmos efeitos. Já no inglês e no alemão o qualificativo tem lugar fixo, e assim o tradutor, ao verter um texto português para

8) Poderíamos também lembrar aqui o curioso hábito espanhol de indicar a exclamação e a interrogação desde o início da frase, antepondo-lhe, virados, os sinais com que ela se encerra em todas as línguas modernas. Apesar de tal uso ter a sua justificativa, adotá-lo em português (como já foi tentado) seria maní-festa afetação.

uma dessas línguas, deveria antecipadamente renunciar a exprimir as nuances de ênfase, de ironia, de humor, devidas, no original, à anteposição insólita do adjetivo. Ou melhor, êle se resignará a abandoná-las se fôr obsedado pelo ideal absurdo da tradução literal; mas se, esclarecido, visar a fidelidade bilateral, esforçar-se-ia a obter efeitos semelhantes por meios bem diversos (como sejam: colocar o adjetivo fixo entre aspas; usar adjetivo mais forte para substituir o epíteto anteposto; criar palavras compostas do adjetivo e do substantivo; transferir para o verbo a nuance contida no adjetivo, etc.).

Daí decorre outra necessidade, muitas vêzes subestimada. Ao tradutor — o qual, como acabamos de ver, deve estar profundamente integrado no espírito da língua para a qual traduz — não lhe basta um conhecimento aproximativo da língua do autor que está vertendo. Por melhor que maneje o seu próprio instrumento, não pode deixar de conhecer a fundo o instrumento do autor.

Êle deverá saber que dois idiomas recorrem muitas vêzes a expedientes totalmente diversos para produzir impressão semelhante. Um autor francês, brasileiro, italiano, que deseje obter um efeito arcaico, há de buscá-lo sobretudo na escolha do vocabulário, servindo-se de palavras caídas em desuso, do antigo fundo latino; um autor húngaro, nas mesmas condições, há de recorrer de preferência a expedientes de morfologia, usando p. ex. os tempos compostos, desaparecidos da língua moderna, ou de sintaxe, empregando o plural depois dos

adjetivos numerais (o uso atual admite exclusivamente o singular). O tradutor deve conhecer tôdas as minúcias semelhantes da língua de seu original a fim de captar, além do conteúdo estritamente lógico, o tom exato, os efeitos indiretos, as intenções ocultas do autor.

Assim a fidelidade alcança-se muito menos pela tradução literal do que por uma substituição contínua. A arte do tradutor consiste justamente em saber quando pode verter e quando deve procurar equivalências.

Mas como não há equivalências absolutas, uma palavra, expressão ou frase do original podem ser freqüentemente transportadas de duas maneiras, ou mais, sem que se possa dizer qual das duas é a melhor. Daí não existir uma única tradução ideal de determinado texto. Haverá muitas traduções boas, mas não a tradução boa de um original.

Uma única vez na história se conseguiu obter a melhor tradução possível de um texto. Foi quando Ptolomeu Filadelfo, rei do Egito, mandou buscar em Jerusalém o *Antigo Testamento* para enriquecer a biblioteca de Alexandria. O grão-sacerdote Eleazar encarregou três mensageiros de levarem ao rei um exemplar do livro da Lei, escrito em caracteres de ouro, e mandou com êle setenta e dois rabinos a fim de traduzirem o texto sagrado para o grego. Levados para a ilha de Faros, os intérpretes, confinados em celas separadas, fizeram cada um a sua tradução. Ao compará-las, o rei notou que eram iguais até nos sinais de pontuação. Foi por meio dessa versão que o judaísmo introduziu no mundo pagão a sua fé monoteística.

Seria um esplêndido exemplo da "melhor tradução possível" realizada ao mesmo tempo por setenta e dois tradutores. Infelizmente, bem cedo foi posta em dúvida a autenticidade da história, e o próprio tradutor da *Vulgata*, São Jerônimo, apontando no trabalho vários erros de interpretação, protestou contra a tentativa de impor um caráter sagrado a uma obra imperfeita, atribuindo-a a intervenção sobrenatural. Note-se de passagem que, mesmo na lenda, os setenta e dois tradutores são hebreus e traduzem para uma língua que não é a sua; nem mesmo os inventores da história milagrosa se atreveram a fazê-los gregos, pois isso haveria tirado ao episódio toda a credibilidade. Afinal de contas, várias pessoas poderiam aprender de maneira igual uma língua estrangeira; mas a língua materna é diferente para cada um por ser a língua que se vive.

Desde então, em matéria de traduzir, contentamo-nos de aproximações. Procuramos, por um esforço da imaginação, meter-nos na pele do autor e dizer o que ele diria se falasse a nossa língua. Para ser fiel, o tradutor, além do indispensável conhecimento dos dois idiomas, precisa sobretudo de imaginação.

TRADUÇÕES INDIRETAS

São muito freqüentes entre nós as traduções indiretas, quer dizer, feitas por intermédio de uma terceira língua. Deve-se êste fenômeno à quase inexistência de uma classe de tradutores. As obras-primas da literatura mundial são vertidas, geralmente, não por tradutores de profissão, mas por escritores de renome, os quais, se muitas vêzes possuem amplos conhecimentos de francês, inglês e espanhol, não têm o tempo e o interesse necessários para se dedicarem ao estudo de outros idiomas de grande expressão cultural, como o russo, o alemão, as línguas escandinavas, etc. Eis porque os livros de Tolstoi, de Goethe, de Ibsen, etc. nos chegam, em regra geral, através da tradução de traduções.

Disse-me um editor amigo que preferia confiar a tradução de Dostoievski a um escritor de primeira ordem, mesmo que êste traduzisse do espanhol e do francês, a entregá-la a um estudioso de russo ou a um russo radicado no Brasil que escrevesse um português arrevesado. Não tendo outra escolha está êle com a razão.

(Entre êsses dois extremos haveria uma solução conciliatória: mandar executar a tarefa por dois cola-

boradores, um dos quais pertencesse à categoria dos bons escritores, outro à dos bons conhecedores do idioma estrangeiro. Mas uma colaboração dessas nunca pode ser imposta pelo próprio editor: deve nascer de uma decisão espontânea de dois literatos cujas habilidades e conhecimentos se completam. Quer isto dizer que se trata de uma solução excepcional, que não poderá generalizar-se).

Se examinarmos a indústria do livro no estrangeiro, verificaremos, no entanto, que o sistema de traduções indiretas está sendo inteiramente eliminado não somente na França, na Inglaterra, na Itália, nos países de língua alemã, como ainda em áreas lingüísticas bem menores, a Hungria por exemplo. Assim, na França, há excelentes tradutores que restringem sua atividade a um determinado idioma — Vladimir Posner ao russo, Frank L. Schoell ao polonês, Maurice-Edgar Coindreau ao inglês americano, Jean-Louis Perret ao finês — ou mesmo, às vezes, a um único escritor: Louis Fabulet traduz exclusivamente Rudyard Kipling, etc. E' claro que, à força de prática, êles chegam a ser verdadeiros peritos no ramo, acabando por conhecer as menores sutilezas das línguas estrangeiras que traduzem e as suas equivalências em francês. Quanto à qualidade do seu estilo, as altas exigências do leitor francês constituem fiscalização suficiente.

Enquanto no Brasil, por falta de especialistas qualificados, persistir o sistema da "retradução", seus incon-

venientes poderiam pelo menos ser diminuídos. Muito depende da escolha da tradução intermediária.

Para verter um livro sueco, norueguês, dinamarquês ou holandês, o editor que não tem tradutor para tais línguas deverá de preferência dirigir-se a quem traduza do alemão ou, pelo menos, do inglês. Para abrasileirar um autor italiano, recorrerá melhor a uma versão espanhola. Atualmente nossos retradutores utilizam-se quase sempre do francês como língua intermediária. Pois êle não é, certamente, o idioma mais apropriado para traduções. O fato de ter chegado a uma fase de cristalização completa, com o vocabulário fixo e inteiramente definido, impede-o de se adaptar às sinuosidades do pensamento concebido em qualquer outra língua. O francês não admite neologismos, foge a construções sem tradição na sua própria literatura. Há, decerto, inovadores ousados como um Ramuz ou um Giono, mas suas ousadias são consideradas atos de insubmissão, de rebeldia; ora, o tradutor nunca revoluciona a língua para a qual traduz, atém-se mais do que um autor original às fórmulas e até aos clichês existentes, deixando o trabalho do desbravamento aos grandes escritores do idioma. Em outras línguas que não o francês, o caso é diferente: sendo elas de estrutura e vocabulário menos ossificados, admitem as novas formações como atos naturais ao alcance de qualquer um; o tradutor que as maneja tem maior escala de possibilidades.

Um bom tradutor francês, graças à faculdade de análise desenvolvida com tamanho cuidado pelo ensino

de seu país (em particular pelo excelente método das “explicações de texto”) reproduzirá fielmente a mensagem lógica de um texto estrangeiro até seus pormenores mais finos, mas a resistência de seu instrumento impedi-lo-á, forçosamente, em transportar grande parte dos valores formais, extralógicos, atmosféricos, dêsse texto. Traduzindo por exemplo um autor italiano ou russo de sabor algo popular — e a maioria dêles o são — ver-se-á na impossibilidade de verter os numerosos diminutivos de tão forte ressonância afetiva. Neste caso, o “retradutor” brasileiro, embora no seu idioma disponha do mesmo recurso, só raramente o poderá utilizar, pois a tradução intermediária poucas vêzes lhe deixará entrever a existência de um dêsses diminutivos no verdadeiro “original”.

Nenhum cuidado poderá ser excessivo para se verificar o valor da tradução intermediária. Até fins do século passado, sobretudo na França, as traduções não sòmente eram demasiadamente livres, como também realizadas, mais de uma vez, de maneira arbitrária. Muitos tradutores, alegando exigências do gòsto francês, operavam modificações substanciais, principalmente grandes cortes. O visconde de Vogüé, em seu famoso *Le Roman Russe*, alude severamente às versões dos clássicos russos feitos em seu país. Tive ocasião de comprovar quanto as suas críticas são procedentes. Ao procurar resolver dúvidas surgidas no curso de tentativas de tradução de Gogol e Turgueneff, vi que os tradutores franceses suprimiam sistemàticamente todos

os trechos em que havia dificuldades não resolvidas pelo dicionário; fenômeno tanto mais curioso quanto a versão de Turgueneff fôra feita durante a permanência do autor na França e autorizada por êle, de modo que seu intérprete, Xavier Marmier, podia fàcilmente consultá-lo. Mas naquela época não se pedia ao tradutor senão uma adaptação.

Aurélio Buarque de Holanda e eu, ao recorrermos a uma tradução francesa de Cervantes da mesma época, para ver como o tradutor se saía de uma bela e complicada blasfêmia castelhana de algumas linhas, observamos com surprêsa que, envergonhado, êle se restringira a essas poucas palavras: “Aí Cortadilho soltou uma praga muito feia”.

Já nos últimos decênios, na França também, prevalece cada vez mais rigor nas traduções. Assim, quem traduzir algum grande autor anterior ao nosso século, deverá, em princípio, escolher uma tradução nova de preferência às do tempo do original.

Os piores casos são aquêles em que o responsável pela tradução intermediária deforma o original não por motivos “estéticos” mas por motivos partidários. Ao traduzir um antigo conto italiano, ocorreu-me examinar a tradução brasileira já existente. Estavam nela omitidos todos os trechos em que o autor, como quase todos os escritores da Renascença, fustiga os costumes dos clérigos da época. O tradutor, entretanto, era um intelectual totalmente isento de sectarismo; apenas, em vez de

verter do italiano, recorreu a uma versão espanhola, a qual já fora expurgada por alguma inquisição.

Incidentes dêsse gênero constituem o maior inconveniente da tradução indireta. Os editôres e tradutores que, à falta de solução melhor, recorrem a esta, deveriam talvez indicar no frontispício da tradução o texto intermediário, a título de ressalva pelo menos parcial.

A solução ideal, evidentemente, consistiria em formar especialistas competentes para cada língua. Mas êste problema já está ligado à profissionalização do ofício de tradutor.

A ESCOLA DOS TRADUTORES

Dizia um amigo meu, meio pilhérico, meio sério, que os tradutores eram a causa de grande parte dos males da humanidade, e provava-o com uma série de casos, desde o da tôrre de Babel até o do Tratado de Versalhes, que os tradutores alemães teimavam em verter por *Papierfetzen* ("farrapo de papel").

Sem exagerar até êsse ponto as responsabilidades dos tradutores, temos de convir em que elas são consideráveis. E' fácil calcular as conseqüências possíveis de um êrro na versão de um manual de arquitetura ou de um tratado diplomático. Menos evidentes, mas muito mais freqüentes, são os estragos dos maus tradutores na língua, patrimônio comum de todos que a falam.

Só uma pequena fração de leitores são capazes de ler no original as grandes obras universais; os demais, forçosamente, devem lê-las em tradução. Uma estatística das leituras do leitor médio acusaria sem dúvida 50 por cento ou mais de livros traduzidos, que não deixam de influenciar-lhe a capacidade de expressão e a correção de estilo tanto quanto as obras dos autores originais.

Entretanto, os artigos e as notas que continuamente se publicam na imprensa a respeito de questões

de linguagem e estilo quase nunca focalizam traduções. Os críticos literários, ao analisarem alguma obra traduzida, reservam geralmente uma frase ou apenas um epíteto à tradução "digna do original", e seu julgamento quase sempre resulta de uma simples impressão e não de um cotejo com este último.

Não se lhes devem pedir, é claro, trabalhos de filólogo. Uma crítica permanente das traduções deveria ficar a cargo de críticos especializados, como o era, por exemplo, o autor da excelente seção "Exame de Traduções" que Agenor Soares de Moura manteve durante algum tempo no *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro.

O objetivo de um rodapé consagrado às traduções não se restringiria a apontar erros. Ele poderia, a propósito de casos concretos, discutir os problemas teóricos da tradução. Além disso, no caso da existência de duas traduções da mesma obra, poderia estender-se ao exame de como a personalidade dos tradutores vem a colorir de matizes pessoais o trabalho de cada um.

O melhoramento da qualidade das traduções não é problema local. Verifico em dois recentes estudos ingleses, considerações sobre o assunto, provocadas pela decadência do ofício.⁹

E. Allison Peers não se contenta com diagnosticar; ao mesmo tempo sugere uma terapêutica, que seria a profissionalização do ofício, com a instituição de um

9) J. G. Weightman, o.c., p. 96; E. Allison Peers, *Problems of Translation*, em *Britain To-Day*, ns. de agosto e de setembro, 1947.

currículo e a subsequente entrega de um diploma de tradutor. Uma vez adotado o princípio, as grandes casas editôras só confiariam trabalhos de vulto a tradutores diplomados.

Não me parece que a idéia seja de fácil realização, sobretudo na parte referente à exigibilidade de diplomas. Já um curso para proveito daqueles que a êle quisessem assistir poderia trazer benefícios. Mesmo, porém, que êsse curso não se possa realizar, o tradutor desejoso de se aperfeiçoar tem sempre a possibilidade de organizá-lo em casa, para si mesmo, com um programa racional de leituras, estudos e exercícios.

Entre as leituras de cabeceira do tradutor eu incluiria algumas obras de lingüística geral acessíveis a qualquer pessoa como *Le Langage*, de Vendryes, *The Loom of the Language*,¹⁰ de Bodmer, ou o volume útil de Joaquim Matoso Câmara Jr., *Princípios de Lingüística Geral*. Ao lado dessas, haveria alguns livros sobre o idioma em que se pretende especializar, menos obras propriamente científicas do que conversações sobre a língua, como *Le Français Langue Morte*, de Thérive, ou *L'Idioma Gentile*, de De Amicis. E, naturalmente, livros sobre a língua para a qual se faz a tradução, o português do Brasil, como há vários de grande valor, de João Ribeiro a Gladstone Chaves de Mello.

Na estante, êle teria suas obras de consulta permanente: gramáticas e dicionários. Entre as últimas,

10) Cujá tradução brasileira está sendo preparada pela Editôra Globo.

o lugar de honra não caberia aos bilíngües, mas sim aos unilíngües, êsses a que Larbaud chama livros consulares, como o *Webster*, o *Larousse*, o *Zingarelli*, e, acrescentando-se com justificado orgulho, o *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*.

Além das leituras permanentes, teria o tradutor outras, ocasionais, determinadas pela natureza de seu trabalho do momento. Procuraria conhecer outras obras do mesmo autor, pois sempre os diversos livros de um escritor se esclarecem mutuamente. Esforçar-se-ia para encontrar algum estudo sobre êle e conhecer-lhe quanto possível a biografia, a personalidade humana, as idéias gerais e o que os historiadores da literatura e os críticos revelaram sobre as suas intenções, a sua técnica, a sua "fortuna literária". Quando o caso o exigisse, buscaria alguma documentação acerca do assunto, das personagens, quando reais, da época e do ambiente do livro.

De mais a mais, convém dizê-lo, o bom tradutor será um homem lido e culto, com sólida cultura geral, para não lhe acontecerem gafes como as de traduzir "*le théâtre de Bataille*" por "teatro de combate", "*il Cinquecento*" por "o ano 500", e assim por diante.

Os livros que seriam mais úteis para o tradutor são justamente aquêles quase inexistentes: obras técnicas sobre a tradução, com conselhos práticos, exemplos de soluções, etc. Contam-se pelos dedos livros como *Sous l'Invocation de Saint Jérôme*, de Valery Larbaud, ou o já clássico *Essay on the Principles of Translation*, de Fraser Tytler. Por aí se vê como, no mundo inteiro,

a tradução é ainda uma arte puramente empírica, cujos segredos cada tradutor tem de redescobrir por conta própria (e à custa dos leitores).¹¹

Há um meio de suprir essa falta. O melhor exercício para o tradutor é, naturalmente, a tradução. Mas não basta. Se êle se limitar a verter, embora com a maior honestidade, o que lhe houverem confiado, há de ficar confinado dentro do âmbito dos seus próprios recursos. Sobretudo no começo de sua carreira, êle tem de ler com atenção as traduções de colegas e, de vez em quando, escolher uma para cotejá-la linha por linha com o original.

Edições bilíngües, se as houvesse entre nós, seriam excelentes para tal fim. (Mas só as há de algumas traduções em versos, como as de Guilherme de Almeida ou Onestaldo de Penafort; estas, porém, já representam um grau de virtuosismo só acessível a poucos tradutores, dotados de talento poético, e assim a sua leitura, de nosso ponto de vista prático, é menos instrutiva que a de livros em prosa). Na ausência delas, o tradutor há de organizar algumas para seu próprio uso. De posse de alguma tradução brasileira

11) Podem prestar bons serviços, e não apenas a tradutores de latim, dois modestos opúsculos editados na França com objetivos didáticos: M. Baelen, *Méthode de Version Latine à l'usage des classes supérieures*, Librairie Veuve Ch. Pousielgue, Paris, 1906, e H. Bornecque, *Comment Faire une Version Latine*, École Universelle par Correspondance, Paris, s. d. Note-se que na terminologia francesa, *version* corresponde à nossa "tradução", por oposição à *thème* (em português "versão").

considerada modelar, ¹² arranja o original e vai anotando os achados, as invenções, as licenças do confrade. Não são as traduções boas as únicas instrutivas: pode-se muito bem aproveitar as lições negativas das versões feitas em cima da perna. O exercício inverso é também interessante: pegar a tradução estrangeira de algum bom livro brasileiro (seu número vai aumentando dia a dia) para ver quais os rodeios portugueses sem tradução em outras línguas. Arrolando-os, o tradutor nacional fica de sobreaviso para não abrir mão deles embora um texto estrangeiro nunca os possa sugerir.

As considerações que precedem referem-se aos tradutores que traduzem. Há também — dizem-me — os que se limitam a assinar o trabalho de colaboradores anônimos; eles lerão com proveito a história seguinte, rigorosamente autêntica.

O nome de Frederico Karinthy, escritor morto há alguns anos, é conhecido de todos os leitores húngaros. Humorista dos mais espirituosos, boêmio incorrigível, fornecia material permanente para o anedotário de todos os jornais com os seus chistes e os seus casos. Verdadeiro gênio no domínio da produção original, Karinthy não primava na da tradução: suas longas tertúlias à mesa de café, onde gastava a maior parte do tempo, não lhe deixavam lazeres para uma atividade tão assídua e sistemática. No entanto, saíam incessantemente traduções que lhe ostentavam o nome. Certo dia o mistério

12) Por exemplo a tradução de *Pequenos Poemas em Prosa*, de Charles Baudelaire por Aurélio Buarque de Holanda (Coleção Rubáiyát, Livraria José Olympio, Rio de Janeiro, 1950), da qual trato mais adiante.

se desvendou. Os leitores de um romance inglês “traduzido” por Karinthy descobriram estarrecidos, no meio de uma das cenas mais patéticas, esta frase: “Seu Karinthy, não entendo patavina deste troço”. Era uma nota do colaborador anônimo que devia contar com a revisão do famoso escritor; êste, porém, revira tão pouco o manuscrito da tradução quanto as provas, e o pedido de socorro do colaborador anônimo entrou a fazer parte do texto do romance. Como se tratasse de um humorista, todos riam, o anedotário enriqueceu-se de mais um caso e a edição se tornou raridade bibliográfica.

Mas daquele dia em diante Karinthy traduziu muito menos.

CONFIDÊNCIAS DE TRADUTORES

Nasci num pequeno país colocado no âmagô da Europa, no cruzamento das mais variadas correntes espirituais, mas de idioma completamente isolado. Preocupados com a sua integração espiritual na comunidade européia, os intelectuais de tôdas as épocas não sòmente estudavam línguas, mas se empenhavam em traduzir as obras-primas das literaturas estrangeiras. A bagagem poética dos maiores poetas magiães sempre inclui traduções: Csokonai verteu Pope; Vörösmarty, Arany, Petöfi, transplantaram Shakespeare; Baudelaire teve tradutores como Ady, Árpád Tóth e Babits. Êsse último consagrou, aliás, parte da existência à versão de Dante, como já antes dêle Arany não julgara perder tempo levando anos a interpretar Aristófanes. Na Húngria, as traduções eram sempre comentadas e discutidas, pelo menos tanto quanto as obras originais. Todos acreditávamos nestas palavras de Babits: "Confessarei, aliás, que o trabalho de tradução é a meus olhos coisa bem mais importante do que se pensa. A vida psíquica dos homens não tem outro tabique tão forte como a linguagem. E', com efeito, graças à linguagem que se consegue pensar; ora, a faculdade de adaptação da linguagem herdada é tão pequena que a gente não

pode, por assim dizer, conceber senão o que a língua permite. Assim, pois, a tradução, que força uma língua a dobrar-se acompanhando as curvas de um pensamento estrangeiro, é, mais ou menos, o único meio de comunhão espiritual requintada entre as nações".¹³

Devo a tais reminiscências o interesse que me faz voltar sempre a êsse assunto tão pouco estudado e que me faria crescer à biblioteca dos candidatos a tradutor uma pequena antologia, ainda inexistente, que se poderia compilar dos prefácios em que os tradutores fazem confidências ao público, explicando os seus processos e os seus truques, confessando seus fracassos, queixando-se das dificuldades do ofício. Faz tempo, ando anotando o que há de aproveitável nessas advertências, prefácios, preâmbulos e notas de tradutor que tantas vezes nem sequer se lêem.

Em tais notas, de vez em quando, encontro desabafos do tradutor, que reclama para o seu trabalho a fiscalização da crítica. Os contemporâneos, pouco compreensivos, riram da ênfase com que o adolescente Leopardi, ao publicar sua versão do primeiro canto da *Odisséia*, "se ajoelhava diante de todos os literatos da Itália para implorar-lhes que lhe comunicassem, pública ou particularmente, o seu parecer"¹⁴ sobre aquela tentativa; entretanto essa atitude me parece mais razoável do que a dos intérpretes que, prevendo julga-

13) Michel Babits, *En traduisant Dante in Nouvelle Revue de Hongrie*, n.º de mai 1939.

14) *Tutte le Opere* di Giacomo Leopardi, a cura di Francesco Flora. Casa Editrice Mondadori, Milano, 1945; vol. I, pág. 616.

mentos superficiais e apressados, desafiam os críticos a mostrarem o que é tradução pelo exemplo, como fêz Fray Luís de Leon ao prefaciá suas traduções de poetas latinos: "*El que quisiere ser juez pruebe primero que cosa es traducir poesias elegantes de una lengua extraña a la suya, sin añadir ni quitar sentencia, y guardar cuanto es posible las figuras del original y su donaire, y hacer que hablen en castellano, y no como extranjerias y advenedizas, sino como nacidas en él y naturales*".¹⁵ Mesmo que não se aprove o desafio, deve-se reconhecer que o período oferece excelente critério para aquilatar as traduções.

E' aliás, natural nos grandes tradutores de todos os países a ânsia de definirem tradução.

Uma das definições mais certas me parece a que encontrei no prefácio da versão espanhola de *Ulisses*, feita por J. Salas Subirat: "traduzir é a maneira mais atenta de ler".¹⁶ Precisamente êsse desejo de ler com atenção, de penetrar melhor obras complexas e profundas, é que responsável por muitas versões modernas, inclusive dessa castelhana de JOYCE.

No fim da Idade Média e no começo da moderna, houve freqüentemente, ao lado dêste objetivo, o de demonstrar que a própria língua, ainda rude e nova, já chegara à fase de maturidade e conseguia exprimir tôda

15) Fray Luís de Leon, *Poesias Completas*, tomo I. Editorial Sopena Argentina, Buenos Aires, 1942; prólogo.

16) James Joyce, *Ulises*. Trad. de J. Sales Subirat, Santiago Rueda ed., Buenos Aires, 1945; prefácio.

a riqueza de matizes do original. E' o que afirma Fray Luís de Leon no prefácio já citado em relação ao castelhano; é o que Ronsard quer demonstrar em relação ao francês quando imita e traduz Píndaro.

Além do esforço de circunscrever o conceito de tradução e de explicar-lhe o intuito, é freqüente encontrar ao limiar de tradução de obras-primas já vertidas anteriormente a justificação da nova tentativa.

— "E' a sorte comum das traduções gastarem-se com o tempo. O espírito que criou o original continua a ficar, de qualquer maneira, a substância secreta, inanalísável e não transplantável do original, e a versão, na ausência dêsse grande espírito, empalidece, mal começa a enferrujar-se a aparelhagem técnica da geração do tradutor. Cada tradução é o eco fragmentário de alguma música eterna" escreveu Árpád Tóth, o poeta que recriou em húngaro a *Balada da Prisão de Reading*.¹⁷

Muitas vêzes os tradutores entram a expor problemas de detalhe, inerentes à língua de que traduzem, confiando-nos os seus segredos de *atelier*. Por exemplo: um tradutor de Terêncio (como muitos outros intérpretes de obras clássicas), Victor Bétolaud, discute a questão do tratamento, sempre igual em latim, diferente em francês segundo a respectiva situação dos interlocutores. "Resolvemos" — conclui — "mandar

17) Oscar Wilde, *A Readingi Fegyház Balladája*. Fordította Tóth Árpád. Athenaeum, Budapest, 1921, prefácio.

tratar por *vous* os maridos pelas mulheres, os senhores pelos escravos, os namorados pelas namoradas, ou pelas cortesãs; e, vice-versa, os maridos, os senhores e os namorados tratam sempre por *tu* as respectivas mulheres, escravos, namoradas e cortesãs".¹⁸

E. V. Rieu, último tradutor inglês da *Odisséia*, como muitos de seus predecessores, considera indispensável entrar numa análise das frases estereotipadas e dos epítetos permanentes que caracterizam o estilo homérico, procurando distinguir entre clichês adaptados inconscientemente pelo poeta (pensar que já na época de Homero havia clichês!) e repetições propositadas, cheias de intenções.¹⁹

As revelações mais curiosas encontram-se nos preâmbulos das versões de obras exóticas sôbre os originais e as línguas em que êles são escritos. Frans de Ville, autor de uma versão francesa da *Çakuntalâ*, obra clássica do teatro hindu, comunica-nos, por exemplo, que a peça original é escrita em várias línguas: as personagens de categoria social elevada, deuses, reis e brâmanes, falam o sânscrito; os camponeses, o prácrito, e assim por diante.²⁰ Dificuldade ainda maior é constituída por um dos principais recursos do idioma sânscrito, sua capacidade aglutinante: os poetas têm o direito de

18) Térence, *Comédies*. Trad. de Victor Bétolaud. Garnier Frères, Paris s. d.; prefácio.

19) Homer, *The Odyssey*. Translated by E. V. Rieu. Penguin Books inc. New York, 1946; introdução.

20) Kálidasa, *Çakuntalâ*. Texto traduit du sanscrit et annoté par Frans de Ville. Collection Lebègue 3^o série, n.º 31. Office de Publicité, Bruxelles, 1943.



formar palavras de comprimento ilimitado, que podem ter sentidos diferentes segundo a maneira por que são dissecadas. O pior é que todos êsses sentidos podem justificar-se no contexto em que aparecem. Muitos poetas repetem literalmente o mesmo verso, dando-lhe porém cada vez sentido diverso. Podendo cada elemento dessas palavras longas admitir significação diferente daquela que se adotou na tradução, o conjunto possui vários sentidos totalmente diversos, embora sempre compatíveis com o contexto. O exemplo dado por Fr. de Ville é mesmo de estarrecer: um dêsses compostos pode significar simultâneamente “as flôres que têm delicadas pontas de estames” e “cachos de cabelos de lindos rapazes”, e nenhum dos sentidos possíveis destoa do contexto! Essa confissão pode dar-nos uma idéia não sòmente das dificuldades da tradução, mas também das inesgotáveis possibilidades poéticas daquele idioma, ausentes de nossas línguas supra-racionalizadas.

Queixas iguais encontramos na tradução de Michel Revon à sua *Antologia da Literatura Japonêsa* em francês, pois, “de maneira geral, o idioma japonês é extremamente vago e autoriza freqüentemente, para o mesmo trecho, grande número de interpretações”.²¹ A compreensão é tanto mais difícil quanto os poetas japoneses preferem as alusões às afirmações claras, e gostam de deixar ao leitor o prazer da descoberta do sentido provável. Assim, o seguinte haikai, aliás muito belo:

21) Michel Revon, *Anthologie de la Littérature Japonaise des origines au XXe siècle*. Librairie Delagrave, Paris, 1919: introdução.

Do sono que vi
Acordada, sempre a côr
Do íris!

exprimiria o adeus à existência de uma poetisa, a qual, acordada do sono da vida (quer dizer: morta), nota que o mundo continua e os íris terão sempre a mesma côr.

Testemunhos como êstes ajudam-nos a compreender melhor a intransponibilidade de certas barreiras não apenas lingüísticas, mas que se alicerçam em fundas divergências de tradição e mentalidade. Steinilber Oberlin e Hidetaké Iwamura, que traduziram, de parceria, uma coletânea de *Canções de Gueixas*, procuram explicar ao leitor francês o que são as “palavras-travesseiro”, escolhos ante qualquer tentativa de levar as literaturas do Extremo Oriente ao alcance dos ocidentais: “As palavras-travesseiro são palavras tradicionalmente aparentadas e que evocam, por conseguinte, a mesma idéia; assim, por exemplo, “espôsa” e “tenro”, ou “céu” e “eterno”. Estamos citando têrmos cujas afinidades se compreendem fâcilmente. Em muitos casos, porém, a coisa é diferente e precisa-se de tôda uma educação especial, do conhecimento das expressões da literatura clássica para se apreender o que o autor pretendeu exprimir. Em tais palavras encostam-se, como que num travesseiro, outras expressões refletindo idéias que se harmonizam com elas”.²²

22) *Chansons de Geishas*. Traduites pour la première fois du japonais par Steinilber-Oberlin et Hidetaké-Iwamura. G. Crès, Paris, 1926; introdução.

A parte humanamente mais preciosa e mais comovedora de muitas "notas de tradutor", é, decerto, a explicação que se nos dá da atração que levou o intérprete a escolher o original: a verificação de uma afinidade íntima (como no caso de Baudelaire, tradutor de Poe), a descoberta entusiástica de uma obra-prima (como quando Goethe se apressou em verter *O Sobrinho de Rameau* de Diderot), ou ainda a sensação de se encontrar em transe parecido ao em que já se debateu o grande escritor estrangeiro, o qual se torna assim um irmão na infelicidade. Foi êste o caso de meu amigo, István Vas, autor de uma versão húngara de Villon, feita num campo de concentração nazista em 1940. "Esta tradução não foi feita com o piedoso intuito de mostrar ao público o verdadeiro Villon. Tenho pouca tendência para pedagogo... Aconteceu apenas que as duas experiências substanciais de Villon, a dança da morte e o degrêdo, se tornaram no verão passado minhas próprias experiências principais. E quando, nessa época, *O Grande Testamento* me veio cair nas mãos, essa alma nua entre terra e céu prendeu-me irresistivelmente e me fêz pegar da pena".²³

Essa identificação do tradutor com o traduzido na humilhação e no sofrimento deve ter contribuído para a tradução haver saído uma autêntica obra-prima.

23) François Villon *Nagy Testamentuma*. Vas István fordította. Budapest, Officina, 1940, prefácio.

O TRADUTOR TRADUZIDO

"Na origem da glória de um autor estrangeiro encontra-se freqüentemente um homem, um interme-diário que, para "lançar" aquêlo que admira, deve possuir diversas qualidades, ao mesmo tempo sociais e literárias".

São palavras de Léon Lemonnier na introdução à edição modelar que deu, há pouco, das *Histórias Extraordinárias* de Edgar Allan Poe, traduzidas por Charles Baudelaire. Graças ao estudo dêsse erudito francês pode-se aquilatar com exatidão tudo o que o autor das *Flôres do Mal* fêz pela glória de Poe. Ainda vivo no momento em que Baudelaire lhe descobriu a obra, POE era considerado pelos contemporâneos como importante crítico, mas os seus poemas e contos eram pouco apreciados. Só muito depois, em parte sob a influência da repercussão que estas últimas obras alcançaram no estrangeiro, obteve êle o lugar que ocupa na história da literatura americana.

A partir do momento, em que a conheceu, Baudelaire apaixonou-se pela arte de Poe na qual descobriu estranhas afinidades com suas próprias teorias e tendências, e propôs-se como verdadeira missão divulgar mensagem daquele longínquo e desconhecido poeta. Entre-

gou-se a essa tarefa com um ardor que nunca se arrefeceu e que surpreende numa alma tão instável, tão propensa a entusiasmos e desencantos fáceis.

Foi em 1847 que pela primeira vez Baudelaire leu uma página de Poe, provavelmente *O Gato Preto*, conto que êle gravou quase inteiramente de cor. Desde aquêlê momento procurou ler tudo o que o outro escrevera e saber tudo a seu respeito. Depois de inteirado da morte trágica de Poe, ocorrida em 1849, duplicou os esforços a fim de obter para o seu ídolo infeliz pelo menos a compensação da glória póstuma.

Nas memórias e reminiscências dos contemporâneos de Baudelaire há freqüentes alusões à assiduidade, às vêzes irritante, com que êle trazia à baila o nome de Poe; forçando os interlocutores a aprendê-lo, não os deixando em paz enquanto não tomavam partido por êle. Gautier, Asselineau, Champfleury foram conquistados assim. Outros que se correspondiam com Baudelaire, vieram a saber de Poe por meio de cartas, entre êstes Sainte-Beuve, Taine, Vigny. Mas o maior serviço que o poeta prestou ao culto de Poe foram suas traduções das *Histórias Extraordinárias*, publicadas primeiro em revistas e jornais, depois reunidas em dois volumes, assim como do romance *Arthur Gordon Pym*. Como introdução aos volumes, escreveu também a vida de Poe, bastante inexata (na falta de fontes fidedignas) mas cheia de amor ao seu biografado e de ódio aos que o prejudicaram na sua atribulada existência. Falando e escrevendo acêrca de Poe, traduzindo-lhe as obras, aguardava impaciente tôda repercussão, contestava com

paixão tôdas as críticas obrigando todos a tomarem conhecimento do caráter excepcional daquela nova arte.

O primeiro conto traduzido por Baudelaire foi publicado em 1848; o segundo, sòmente quatro anos depois. Nesse ínterim, Poe, com quem seu admirador francês não estabelecera contacto pessoal, morrera. Depois de 1852 sucediam-se as traduções. Para executá-las, Baudelaire pôs-se a reaprender o inglês com todo o afinco e não relaxou êsse estudo durante os quatro anos que levou a reunir a matéria dos dois volumes. O texto oferecia inúmeras dificuldades não resolvidas pelos dicionários, neologismos com que a crescente civilização norte-americana enriquecia a língua inglesa, termos de *slang* local, expressões familiares. Para compreendê-los, Baudelaire entrou a procurar viajantes chegados dos Estados Unidos, tornou-se assíduo freqüentador dos botequins onde se reuniam marujos, *grooms* e jóqueis. Quanto aos termos técnicos, que Poe empregava com a maior propriedade, Baudelaire entregou-se a sérias pesquisas; para verter *Arthur Gordon Pym*, tornou-se êle também ornitólogo, geógrafo, oficial de marinha, a consultar atlas, mapas, instrumentos de navegação e de cálculo.

Foi precisamente aquela preocupação que o impediu de traduzir as poesias, que julgava intransponíveis para qualquer língua; que o levou a rever sempre, na véspera da publicação, as provas dos contos a saírem em

folhetim; que o fêz realizar uma revisão completa antes da publicação em volume e corrigir incansavelmente provas sobre provas do livro.

O conhecimento de tais pormenores modifica sensivelmente o retrato de Baudelaire, orgulhoso, boêmio, cético irregular, *épateur de bourgeois*, e mostra como nêle era profundo e humilde o respeito à arte alheia.

Mesmo que o centenário da morte de Poe possa conferir um mínimo de atualidade e estas notas, ²⁴ sua razão de ser encontra-se mais numa coincidência curiosa. Com efeito, teremos pròximamente uma tradução dos *Poemas em Prosa* de Baudelaire, feita com entusiasmo e pertinácia iguais, caracterizado pelo mesmo esforço de perfeição. Depois de acompanhá-la de perto, vejo agora, ao ler as informações de Lemonnier acêrca de Baudelaire tradutor, que o autor dos *Poemas em Prosa* terá uma versão portuguesa feita nos mesmos princípios que êle applicava às suas traduções.

Êsses *Poemas em Prosa*, obras-primas lavradas com todos os requintes de um artista excepcional e de um idioma supercivilizado, estão cheios de alusões mal esboçadas, de ironia a um tempo velada e feroz, de um satanismo vistosamente exibido e que a olhos não advertidos esconde uma ternura profunda e uma violenta revolta ante a estupidez da existência (êle chegou a induzir em êrro o grande Tolstoi, que o condenou como nocivo e anti-social); constituem um tremendo teste para o tradutor, que, além de manter-lhes a misteriosa

24) Escritas em 1949.

harmonia, o indefinível ritmo íntimo, tem de farejar, por trás de cada palavra, as segundas intenções do autor, em estado de perpétuo desafio contra o leitor, atitude de defesa que se vira tôda contra quem tenta transpô-los a outra língua.

Aurélio Buarque de Holanda apaixonou-se por essa tarefa como Baudelaire pela versão das *Histórias Extraordinárias*. Pelo motivo que levou êste último a abster-se da tradução das poesias de Poe, êle também não abordou as *Flôres do Mal* mas pôs na versão dos *Poemas em Prosa* tanta paciência e tanto cuidado como se estivessem escritos em versos os mais difíceis. Traduziu-os inicialmente para enfeixá-los num volume; ao lembrar-se de publicá-los um por um nos jornais, reviu-os e refundiu-os mais uma vez — e continua a revê-los e a refundi-los de prova em prova. Quem tiver curiosidade de cotejar uma das traduções publicadas em jornal com a versão “definitiva” do volume de José Olímpio, poderá verificar não sòmente a mestria, mas também a escrupulosidade dêsse trabalho de contínuo polimento.

Por mim, tive a satisfação de acompanhá-lo passo a passo em tôdas as minúcias da tarefa. Nunca tendo ido a França, Aurélio possui do francês aproximadamente o excelente conhecimento livresco que Baudelaire tinha do inglês. Daí a sua desconfiança consigo mesmo, que o levou não sòmente a pacientes indagações sobre o sentido exato, o matiz sentimental, o efeito estético de inúmeros têrmos, como a um cotejo, linha por linha, com o amigo que teve a sorte de estudar francês na

França. Em tudo isso, revela-se um respeito como que religioso ao texto original, como se algo importante dependesse da versão exata de cada nuance da reprodução de todos os valores emocionais. E', em resumo, o respeito impressionante de Baudelaire ao texto de Poe.

Note-se que tal atitude representava no tempo de Baudelaire algo de excepcional. Os tradutores franceses da época traduziam geralmente com fidelidade muito relativa, preferindo à versão rigorosa uma "adaptação ao gosto francês", critério dos mais elásticos e que não raras vêzes encobria conhecimento deficiente da língua estrangeira ou pressa em liquidar a tarefa. Os tradutores de Poe não constituíam exceção à regra: Lemonnier mostra como um acrescentava, outro cortava, terceiro interpretava em vez de simplesmente verter. Baudelaire, entretanto, mostrou-se intransigente, adotando o princípio da tradução fiel; os erros que mesmo com todo aquêl cuidado haviam de aparecer provinham, da forçosa limitação de seus conhecimentos de inglês, e nunca do propósito deliberado de facilitar a tarefa para si mesmo.

Embora hoje se tenha um conceito mais justo do ofício de tradutor, não se pode dizer que, em linha geral, o nível das traduções tenha melhorado. A exigência de rigorosa fidelidade dificilmente é atendida nesta época de trabalho mecanizado e feito sem amor, em que não há mais profissões e ofícios, só empregos e biscates. E é por isso que os *Poemas em Prosa* tradu-

zidos por Aurélio Buarque de Holanda merecem atenção especial, justamente pelo que essa manifestação de respeito e amizade a um grande morto tem de comovedoramente anacrônico.

Outros que não eu, mais sensíveis ao número da língua, criados dentro do seu gênio, poderão dizer melhor quanto o tradutor conseguiu recriar a atmosfera mágica do original; por mim, faço questão sobretudo de assinalar como a tradução brasileira foi feita e como o raro fenômeno da dedicação de Baudelaire à memória de Poe se está reproduzindo entre nós em relação ao próprio Baudelaire.

ANDANÇAS E EXPERIÊNCIAS DE UM TRADUTOR TÉCNICO

Já fui tradutor técnico. O ano em que, na Húngria, tirei o diploma de professor coincidia com a fase mais aguda de um período de desemprego. Havia, para qualquer vaga, dezenas de candidatos. Cansado de procurar pistolões, resolvi tentar uma utilização imediata e prática dos meus conhecimentos, e fui oferecer meus serviços a um escritório de traduções comerciais e técnicas.

Anteriormente já traduzira poesias, contos e até uns romances, e êsses trabalhos me faziam viver na ilusão errada de que havia um idioma francês, um italiano, um latino e assim por diante. A nova tarefa convenceu-me de que havia no mínimo cinqüenta línguas francesas, quarenta-e-nove das quais nada tinham que ver nem com Racine, nem com Victor Hugo, nem com Anatole France. O mesmo acontecia em relação à minha própria língua materna.

O meu primeiro serviço foi a versão de um extrato cadastral do húngaro para o francês. Era a primeira vez que me defrontava com semelhante documento. As palavras pareciam húngaras, mas não se ligavam, e até as mais comuns eram usadas de maneira totalmente arbi-

trária. Não havia frases, e as noções habituais de análise não se aplicavam àquele conglomerado de sílabas. Voltei ao escritório de traduções para perguntar se não me deram, por acaso, uma cópia errada. O diretor, um provector intérprete de croato, tranqüilizou-me : aquilo era assim mesmo, e a maioria dos serviços de seu escritório era daquele jaez. Perderia o tempo buscando sentido naquilo que não o tinha. Um êrro, pior, uma superstição supor que para traduzir um texto era indispensável entendê-lo. E mais : tornar inteligível em outra língua um texto ininteligível no original constituía infidelidade condenável e contrária às normas da boa praxe. Grande lição essa, que muito me aproveitou em seguida e de que nunca hei de me esquecer.

Voltei para casa e pus mãos à obra. Passei um dia inteiro num virar e revirar de dicionários, dando tratos à bola, riscando e refazendo continuamente o já feito. Por fim, levei a tradução cheio de apreensões, insatisfeitíssimo do meu trabalho. O diretor do escritório achou-o ótimo e, para me demonstrar a sua satisfação, deu-me logo outro extrato cadastral para traduzir e uma importância equivalente a cinco cruzeiros, preço do primeiro trabalho. Não quis levar o segundo. Que me adiantaria uma renda mensal de cem cruzeiros ? Mas o diretor esclareceu-me que o serviço se tornaria cada vez mais fácil e teve razão. O segundo extrato era tão pouco inteligível quanto o primeiro, mas acabei por descobrir nêle, em vez das relações lógicas da linguagem normal, conexões misteriosas com o primeiro.

Por fim, traduzia os extratos mecânicamente, chegando a fazer de vinte a vinte e cinco fôlhas por dia.

Nesse interim, porém, acabou o processo dos "optantes" húngaros expropriados contra o Estado rumeno, processo instruído com todos aquêles extratos, e tive de me iniciar em outra espécie de traduções. Eram pedidos de registro de invenções. Aí a rotina não ajudava. Se o primeiro inventor quis tirar patente de um cata-vento elétrico de modelo novo, o segundo entendeu garantir os seus direitos de explorar um par de suspensórios automáticos. Houve mesmo um, cuja lembrança até hoje me arrepia, que pedia o registro de um ataúde higiênico, conservando a integridade do respectivo cadáver durante prazo superior ao que se observa em qualquer produto congênere.

Foi quando verifiquei a insuficiência absoluta de todos os dicionários bilingües. Cada profissão tinha a sua gíria, extremamente rica, e não havia dicionário no mundo que registrasse em duas línguas o nome de tôdas as partes integrantes de um par de suspensórios, mesmo não automáticos. Levei dias a procurar uma descrição exata, em francês, dessa humilde, porém tão indispensável peça de vestuário. Tôda a literatura francesa, inclusive os naturalistas, era omissa a respeito do assunto. Encontrei-o, no entanto, explicado luminosa e pormenorizadamente num catálogo ilustrado da Manufacture d'Armes et de Cycles de Saint-Etienne. Daí em diante, folheei e colecionei catálogos, folhetos de propaganda, anúncios. Fato curioso, êles me prestaram bons serviços, depois, não sòmente na versão de textos técnicos e

comerciais, como também na de obras exclusivamente literárias.

Anteriormente, a minha ambição tinha sido aprender o maior número possível de palavras de uma língua, tôdas talvez. Mas compreendi que era uma ambição vã. Não adiantava entulhar a memória com um material que não acabava mais; importava, sim, saber onde procurar a terminologia de cada assunto.

Assim, quando me trouxeram um tratado de geologia para verter, nem abri mais o dicionário; fui a um manual de geologia que me familiarizou logo com o vocabulário competente. Acontecia, porém, às vêzes, que não conseguia obras especializadas. Nem sei como teria vertido uma monografia sobre prótese dentária, se não me tivesse lembrado de recorrer a uma obra de engenharia, o "Manual do Construtor de Pontes".

Aos poucos tornei-me conhecido no ramo, e os fregueses vieram procurar-me diretamente. Foi assim que conheci alguns espécimes horríveis da maçante raça dos especialistas. Esses concebiam o mundo inteiro unicamente em função da sua especialidade e queriam que tudo lhes obedecesse, inclusive as línguas. Um deles, muito entendido em técnica da iluminação (e bem pouco iluminado quanto ao resto), forjara uma palavra quilométrica em húngaro para dizer "do ponto de vista da técnica da iluminação" e fazia absoluta questão de que eu a traduzisse em francês por uma palavra só, recusando uma após outra as soluções imperfeitas que lhe apresentava.

Cada ramo, em geral, tinha o seu jargão hierático, e era preciso penetrá-lo para não cair no desagrado dos

clientes. Assim, por exemplo, na tradução das cartas que me encomendava a Federação de Pugilismo Amador, eu me servia de início de uma linguagem enérgica e brutal, que me parecia convir ao caráter da entidade. Erro grave. O que se impunha era uma linguagem elevada, cheia de circunlóquios, em que jamais ocorressem termos grosseiros como "dinheiro" ou "pagamento"; só se falava em indenizações de deslocamento e, quando muito, em despesas de viagem.

Assim aumentava a minha experiência, e a profissão, conquanto nunca chegasse a lucrativa, já dava para viver. Não que não aparecessem, de vez em quando, ossos duros de roer, como aquêlê orçamento para o edifício do novo ginásio de uma ordem religiosa, que se devia verter para o latim a fim de submetê-lo à aprovação da autoridade superior em Roma. Lembro-me da dificuldade que tive para traduzir "Elevador": adotar simplesmente *elevator* seria imperdoável falta de elegância, contrária ao espírito ciceroniano. O termo que finalmente adotei (e que não posso revelar aqui, em respeito ao segredo profissional) era uma linda palavra grega, pois se nós recorremos ao latim para batizar as novidades técnicas, é claro que os romanos só podiam recorrer ao grego.

Tornou-se um princípio meu nunca recusar nenhum trabalho porque fôsse difícil: se outro podia executá-lo, eu também havia de dar um jeito. Confesso, no entanto, que recuei uma única vez, quando convidado a servir de intérprete, *in loco*, entre os membros do júri de um concurso de beleza canina. Pretextei no último instante

uma enxaqueca e deixei o júri entender-se diretamente com a bicharada.

Cada ofício, mesmo o pior, tem as suas compensações. As do meu eram os discursos ministeriais. Naquela época havia freqüentes crises políticas na Hungria. Raramente um gabinete durava mais de três ou quatro meses. O chefe de cada novo govêrno pronunciava um alentado programa, que eu, depois, devia traduzir em francês para uma agência telegráfica. Dentro em breve descobri que nos discursos sucessivos só mudava a primeira página, ao passo que as trinta seguintes se repetiam quase literalmente. Compreende-se: eram as promessas que o govêrno anterior, por ser de vida tão breve, nunca tivera tempo de executar, e que portanto voltavam fielmente em cada novo discurso. Nesse gênero de traduções realizei verdadeiros recordes de velocidade que me valiam a admiração de toda a agência. Tive o cuidado de não fornecer nunca a explicação do fenômeno. A tradução já se pagava mal; imaginem agora se eu ficasse reduzido a honorários de copista.